



A Lua cheia protagonizando as lendas e mitos Amazônicos¹

Maria Valcirlene de Souza Bruce²
Iraildes Caldas Torres³

Resumo:

O artigo versa a Lua cheia protagonizando os mitos e lendas Amazônicos objetivando construir um pensamento lógico de que a Lua é símbolo da vida humana, animal e vegetal no momento de nascer e morrer. Para que esse pensamento pudesse ser construído fizemos um recorte em minha tese de doutorado em andamento como as comunidades tradicionais criaram suas crenças em relação a influencia no pescado e na agricultura e em seguida fizemos uma busca de lendas e mitos amazônicos em sites da internet e concluímos que a lua precisa ser vista como protagonistas das lendas e mitos sendo que sua presença nas narrativas é essencial para que os entes lendários possam transcender, pois sua existência é universal desde os tempos primitivos.

Palavras-chave: Lua; Pescador; Imaginário;

¹ Trabalho apresentado no GT 8 do III Siscultura.

² Doutoranda do Curso Sociedade e Cultura na Amazônia -UFAM, email: mariavalcirlene@hotmail.com

³ Doutora, Coordenadora, Orientadora e professora do Curso de doutorado do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, e-mail: iraildes.caldas@gmail.com



Introdução

Os astros celestes acompanham a imaginação do homem desde as primeiras civilizações quando o homem primitivo, de acordo com suas crenças, sempre acreditou que os mesmos pudessem resolver os problemas do mundo. Alguns dos seus ritos eram regidos pela astronomia, pois a mesma possuía forte influência sobre a mitologia e a religião, sendo que alguns planetas eram considerados divindades.

Os deslocamentos do sol e da lua eram considerados movimentos dos deuses personificados que tinham de ser apaziguados quando o assunto era vida e morte. Alguns seres mitológicos interpretavam a lua e o sol como símbolos da vida humana que nasce e morre para voltar e nascer de novo e assim sucessivamente.

Neste cenário, a lua surge como uma herança lunar universal e está presente em todas as culturas, com diferentes interpretações. Para algumas culturas ela representa símbolos da vida humana no momento de nascer e morrer, para outros ela foi associada a fertilidade da terra, dos animais e das mulheres como senhora que controla o momento que uma pessoa vem ao mundo ou deixa de vir.

Para algumas comunidades tradicionais do Amazonas, a Lua em suas fases tem a força de influenciar na plantação, na pele do pescador, no parto, no corte de cabelo, no pescado, entre outros.

Durante fase da lua nova ela produz vigor (força da lua nova), enquanto que as outras fases vão perdendo a força. Na plantação, ela é responsável pela floração das plantas que durante a força da lua nova pode influenciar na produção do mel.

A questão central deste tema me faz dizer que a lua é uma entidade mágica, que tem poderes sobre a vida na Terra e que na Amazônia deveria surgir como protagonista dos mitos e lendas, mas aparece sempre como antagonista. Nesta construção afirmo que a Lua cheia é uma simbologia mítica transgressora que traz vida e fartura, mas também morte e destruição.

A lua cheia no imaginário dos pescadores de uma comunidade tradicional de Parintins



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Em diversos lugares do Brasil e do mundo, existem homens e mulheres que dispõem de saberes para resolver vários tipos de problemas do cotidiano. Conhecem segredos para produzir remédios, curam algumas doenças, realizam partos fora de hospitais, conhecem estratégias de sobrevivência no interior das florestas, mas também vivem do simbolismo que ambiente oferece.

No interior da floresta Amazônica esta localizada a cidade de Parintins uma distância de 369 quilômetros da capital Manaus em linha reta e a 420 quilômetros por via fluvial com aproximadamente 113.832 habitantes.

A cidade de Parintins é reconhecida principalmente por sediar todos os anos no mês de junho, o Festival Folclórico, uma das maiores manifestações culturais preservadas da América Latina, considerada neste ano de 2018 como Patrimônio Cultural do Brasil.

As festividades alusivas aos bois bumbas garantido e Caprichoso são realizadas durante três dias na arena do bumbódromo onde são apresentadas temáticas relacionadas às tradições, valorizando a fauna e a flora existentes no Amazonas.

As temáticas são criadas por artistas locais a partir das lendas e mitos amazônicos através de alegorias gigantescas nas quais é utilizada toda tecnologia necessária para uma grande apresentação.

Nestas apresentações, a lenda da Iara, da Vitória Régia, do Curupira, Mapinguari, da mandioca que entram na arena com a ajuda de um grupo de homens que auxiliam para que aja agilidade nas apresentações.

Após a festa os habitantes da cidade retornam para seus lugares de origem, bem como os moradores das comunidades tradicionais que vem para prestigiar as festividades. Entre esses sujeitos estão os pescadores que ao longo dos anos vem ganhando espaço quanto sua valorização e reflexão acadêmica.

O pescador do interior de Parintins é um importante ser social construído em consonância com suas condições específicas de existência coletiva e afirmação identitária, que luta por seus interesses dentro do universo denominado povos da floresta ou povos tradicionais (ALMEIDA, 2008).

Os saberes dos pescadores são conhecimentos fundamentados em experiências vividas no dia a dia, a partir da realidade em que vivem principalmente do imaginário da



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



floresta. Ele é um aventureiro que vive na proa de seu casco em busca do alimento de sua família com a esperança nos olhos e a certeza que no dia seguinte terá o seu sustento como prioridade do dia a dia.

É na proa da canoa que essa figura típica regional amazônica, vive sua realidade enfrentando dificuldades, desafios, alegrias, tristezas, rodeado do simples e do desconhecido por grande parte de pessoas.

Sua realidade é experienciada ao longo de uma vida, e se apresenta como um ser impetuoso que rema com todas as suas forças, muitas vezes arrastando seu casco para entrar no igapó⁴, e em seguida toma o chibé feito com água e farinha de mandioca e sal para ter energia que o deixa disposto ao trabalho.

Em seguida prepara seu arreio e fica a espreita do primeiro sinal de surgimento dos peixes. Fica feliz quando consegue fisgar o alimento para sua família, muito mais feliz quando consegue capturar o peixe de sua preferência.

Nesta festividade do boi bumba, a figura do pescador é apresentada na arena do bumbódromo como uma das figuras típicas emblemáticas no contexto amazônico. As narrativas sobre o pescador nas letras das toadas são fantásticas, mas não dizem realmente quem ele é, nem descreve seus sentimentos, suas angústias, muito menos suas alegrias.

Em seguida essa figura desaparece, é esquecida e fica à margem da sociedade e retomada no próximo ano quando o mentor das alegorias começa a criar mais contos fantásticos sem pelo menos ter contato com quem vive realmente os acontecimentos dos rios e da floresta.

Neste contexto, a categoria de pescadores acaba fazendo parte das classes populares marginalizadas ou subalternas, invisibilizadas em umas das regiões mais ricas em recursos naturais e manifestações culturais do mundo.

Apesar de ser uma classe desfavorecida pelas leis e pela sociedade e viverem escondidos no seu mundo de águas, linha e anzol é também um povo alegre, e apresentam-se numa dimensão cultural de conhecimentos tradicionais os quais podem ser visualizados em categorias de “homo sapiens”.

⁴ Palavra tupi que significa floresta pantanosa, terreno encharcado.

Esse homem não é mais o homem dos trópicos mencionado por Wagley (1988) que vivia na Amazônia uma vida primitiva, estagnada e miserável que perdiam sua identidade e se tornavam escravos dos poderosos. Para Almeida (2008) esses sujeitos atualmente são homens e mulheres que assumiram a posição de sujeito social e ousam enfrentar influentes antagonistas que ainda querem tomar para si as terras, bem como enfrentam outros interesses que controlam o mercado industrial e comercial.

O saber do pescador se estende não somente na arte de capturar o peixe, mas também constroem seus próprios arreios de pesca como a malhadeira, tarrafa, caniço, etc. (F.1 e 2), bem como aprendem desde criança que ao sair para a pesca, não podem voltar com a canoa vazia.



F(1): Pescador confeccionando sua malhadeira.
Fonte: Bruce, 2018.



F(2): artefato utilizado para a confecção de arreios de malha.
Fonte: Bruce, 2018.

As malhadeiras são redes que flutuam e são feitas com linhas de pesca de acordo com o tamanho dos peixes onde os mesmos ficam presos, devido seu próprio movimento. De acordo com Batista *et al.* (2000) *apud* Fraxe (2007), na parte superior as malhadeiras possuem cabos para sua fixação na vegetação e flutuadores, e na parte inferior tem a chumbada para que ela possa ficar firme na parte imersa.

Para que o pescador possa ter êxito em sua pescaria é necessário que conheçam os locais estratégicos e quais artefatos de pescas serão utilizados para efetuarem a captura do alimento. Para isso, precisa localizar os pontos de igapó, cabeceira de lago e partes profundas, onde os peixes maiores trafegam, pois um pessoa inexperiente não conseguiria localizar os pontos estratégicos.

Neste contexto de águas, linha e anzol, o trabalho do pescador tradicional tem pregado

algumas peças que lhes causam medo e espanto, sobretudo quando entra no igapó, onde a floresta pantanosa e o terreno encharcado apresentam-se cheia de mistérios. À medida que o pescador adentra nesse terreno ouve ruídos que soam do fundo das águas e do interior da floresta.

[...] Se sabe que no igapó é cheio de mistério!...as árvores quando esfregam uma na outra quando dá o vento, desperta um som e quem não estiver atento fica com medo, diz até que veio pra casa corrido de uma visagem, e não é . É mistério que tem na floresta. (S.C. PESCADOR)

Por causa da característica assombrosa do igapó, somente os pescadores corajosos pescam sozinhos no local, mas é o espaço onde os pescadores encontram os melhores lugares para pescar, devido a grande quantidade de frutas e plantas preferidas pelos os peixes.

É neste conjunto de águas, ventos, fauna e flora que o palpável e o imponderável acontecem o tempo todo. Quem nunca ouviu falar das histórias de pescador? Pois é, quanto mais se adentra na floresta amazônica, mais ricas ficam suas narrativas sobre o imaginário.

Para Maffesoli (2001) o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de uma comunidade de um país ou nação que estabelece vínculo, que se mistura e se une, que produz imagem e não pode ser individual.

Desde nossa infância neste ambiente de mistérios da floresta ouvimos nossos avós e pais contarem histórias fantásticas sobre a cobra grande, o fogo fátuo, mãe d'água, calça molhada, boto e outros seres das águas e da floresta e ficávamos assombrados e não dormíamos a noite toda.

Neste contexto onde o imaginário se mistura à realidade, criávamos imagens e muitas vezes nem saímos de casa devido o medo de a qualquer momento pudéssemos dar de cara com nossos assombros.

O imaginário não pertence apenas a grupos de meninas e meninos medrosos, mas também a grupos de pescadores da comunidade São José quando discorrem sobre suas histórias principalmente quando se trata de fenômenos que podem incidir para que uma

pescaria não ocorra de forma satisfatória.

Esses cuidados não tem nada haver com ataques se seres concretos, como a investida de um jacaré ou cobra sucuri, mas de um fenômeno natural que pode colocar em risco uma noite de trabalho.

O fenômeno a que referem tem haver com a lua cheia e a luminosidade que ela reflete nas águas causando o desaparecimento de várias espécies de peixes ou ate mesmo de sua morte.

Para Eliade (2008,p.128) a Lua é a criadora inesgotável de formas de vida e influencia a vida no universo desde os tempos primitivos.

Segundo o ritmo lunar ou sob a sua influencia coordena-se toda uma serie de fenômenos dos mais diversos “planos cósmicos”. O “espírito primitivo”, tendo penetrado as “ virtudes” da Lua, estabelece relações de simpatia ou de equivalência entre estas series de fenômenos [...] desde tempos remotos, pelo menos desde a época do neolítico, [...] o mesmo simbolismo liga entre si a Lua, as aguas, a chuva, a fecundidade das mulheres, a dos animais, a vegetação [...]

Para os pescadores da comunidade São José, a Lua controla a água, as plantações, o parto das mulheres e ate controla o tempo e a vida dos peixes de agua doce. De acordo com os relatos de alguns pescadores da Comunidade São José, em noites de lua cheia os arreios ficam brilhantes, os peixes se escondem, não se locomovem, tornando difícil sua captura. Os pescadores não sabem o motivo que leva os peixes desaparecem, mas discorrem que os peixes enxergam os arreios durante a luminosidade da lua cheia.

Nos discursos dos pescadores percebe-se que o poder dos reflexos da lua cheia influencia na pescaria e em outros ciclos naturais como a agricultura e pontuam que a lua é a responsável se uma planta vai desenvolver ou não. Para Eliade (2008) a Lua é a fonte de fertilidade universal e dela deriva o mundo das plantas, submetido aos ritmos lunares.

Esse mesmo autor pontua que em certas tribos brasileiras a Lua é denominada mãe das ervas e em outros lugares acreditam que as plantas crescem no período da Lua. Os camponeses franceses semeiam pela lua nova e podam e colhem quando ela entra em



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



quarto minguante para não contrariar o ritmo cósmico com a destruição de um organismo vivo quando as forças estão em crescimento.

Esse fenômeno é visível aos olhos dos povos das comunidades tradicionais de Parintins, mas não chegam a ser explicados porque não possuem elementos elucidáveis, mas relatam o acontecimento como um enigma que gostariam de desvendar.

Na comunidade São Jose, o corte de cabelo das mulheres só é realizado na lua nova assim eles crescem fortes e saudáveis. No parto, a força dessa lua faz as mulheres parirem mais rápido, faz com que os peixes apareçam para os pescadores abastecerem suas redes, canoas e caixas de isopor.

A pesca durante a noite de lua nova é produtiva e os pescadores não se preocupam em deixar os peixes capturados dentro das canoas até ao nascer do sol, mas em noites de lua cheia não podem fazer isso. O peixe deixado na canoa ou exposto ao luar deteriora mais rápido do que se estivesse ao sol.

Alguns pescadores também associam sua pele ressecada e queimada durante a pescaria em noites de luar. Eles dizem que sempre isso aconteceu, mas para eles é normal o pescador ter a pele envelhecida e enrugada.

Não há comprovação científica sobre o que os moradores da comunidade dizem, mas o que se sabe é que o que os povos antigos falavam, nunca dava errado.

Todas as experiências em que a lua se apresenta ao longo da história da humanidade demonstra um cenário onde o imaginário proporciona aos sujeitos um resultado ao mesmo tempo real, palpável e outras vezes irreal, surreal.

A ideia de entrar no domínio da lua em solo amazônico traz várias interpretações no sentido de pesquisar o fenômeno da “lua que suga o sangue do peixe”. Homens e mulheres são protagonistas no cenário de pesca da comunidade São Jose quando discorrem que em noites de lua cheia, os peixes afetados pelos raios lunares entram em estado de decomposição mais rápido do que se estivesse sob os raios solares.

A expressão “lua que suga o sangue do peixe” é usada e explicada pelos pescadores quando os mesmos abrem o peixe verificam que o sangue desaparece tornando a carne branca e “moída” inútil para o consumo.

No discurso dos pescadores da comunidade São José, evitam pescar em noites de lua cheia e explicam que a luminosidade do astro faz com que os peixes desapareçam tornando a pescaria inútil. Dizem ainda que alguns peixes encontrados vivos dentro das canoas, após receberem o impacto da luminosidade da lua, mesmo vivos sofrem a deterioração em sua carne. Um exemplo do tipo de peixe que passa por esse processo é o chamado Cuiú-cuiú. Os mesmos não conseguem explicar tal fenômeno, mas atribuem a lua cheia e à sua luminosidade.

Esses sujeitos são pessoas simples, leem e compreendem a linguagem da natureza, desenvolvendo um conhecimento que não conseguem explicar por meio da escrita, apresentam saberes tradicionais que não estão restringidos apenas ao conhecimento que eles existem, mas procuram aprender o processo para que esse conhecimento possa ser colocado em prática.

Entre mitos e lendas

A Amazônia brasileira se compõe de uma variedade de mitos e lendas que navegam nas memórias dos povos tradicionais que vivem nos rios e nas florestas. Esses mitos e lendas encontram-se em todos os cantos de matas e braços de rios das comunidades no interior do Estado do Amazonas.

Desde nossa infância neste ambiente de mistérios da floresta ouvimos nossos avós e pais contarem histórias mirabolantes sobre a cobra grande, o fogo fátuo, mãe d'água, calça molhada, boto e outros seres das águas e da floresta e ficávamos assombrados e não dormíamos a noite toda.

É neste conjunto de águas, ventos, fauna e flora que o palpável e o imponderável acontece o tempo todo. Quem nunca ouviu falar das lendas e mitos amazônicos? Pois é, quanto mais adentramos na floresta amazônica, mais ricas ficam suas narrativas que acabam sendo reproduzidas de várias maneiras.

A lenda da cobra grande é narrada de diversas formas: nossos avós contavam as aventuras da cobra Norato e sua irmã Maria Caninana que nasceram de uma mulher indígena que os lançou no rio com a permissão do Pajé. O macho era bonzinho e a fêmea era a má, assassina que alagava e destruía as embarcações e foi morta pela sua



agressividade, mas o Norato era mais comedido e em noites de luar perdia o encanto e vivia uma vida como humano, mas ao raiar do dia se transformava em cobra.

Norato almejava viver para sempre como humano, para que isso acontecesse teria que encontrar alguém que tivesse coragem de colocar leite em sua boca e cutucar sua cabeça com punhal para sangrar. Apesar de receber ajuda humana, não conseguia quebrar o encantamento devido o terror que causava aos humanos por ser um monstro. Depois de muito tentar encontrou um soldado que conseguiu realizar a façanha.

A lenda do boto é uma das mais conhecidas por envolver romance, paixão gestação e devaneios. Algumas versões narram que em noites de lua cheia especificamente o boto da Amazônia se transforma em um rapaz muito bonito e sedutor que sai das águas a procura de moças que se apaixonem por ele para que ele possa leva-las para as profundezas do rio e as engravidam.

A próxima lenda é a da Vitória- Regia cujo cenário acontece em uma tribo Tupi-Guarani com a jovem índia Naiá. Ela se apaixonou pela lua e todas as vezes que aparecia no céu seu desejo era ser levada para ser transformada em estrelas. Naia ficou doente, não comia e nem bebia pensando na Lua ate um dia viu o reflexo da sua amada nas águas, lançou-se no rio e se afogou. A lua a recompensou pelo sacrifício e a transformou não numa estrela, mas na mais linda flor que se abre em noites de luar.

A lenda do Muiraquitã é uma versão que também envolve lado imponderável, mas também o lado do palpável. A história narra uma tribo de mulheres guerreiras indígenas, as Icamíabas, moravam num monte sagrado localizado próximo a região de Nhamundá.

A lenda conta que em noites de luar as guerreiras desciam nas águas de um rio denominado *Yaci Uarua* que na língua indígena significava Espelho da Lua para purificação de seus corpos depois de vencerem o sexo oposto. Ao mergulharem no rio chamavam pela Mae Muiraquitã que entregavam a cada uma delas uma pedra de cor verde chamada muiraquitã, esculpidas com símbolos de animais que ao entregar em suas mãos ainda encontravam-se moles, mas ao receberem o reflexo da lua, endureciam.

As lendas e mitos na Amazônia são incontáveis, a lua aparece em vários deles como agente influenciador para que os fenômenos acontecessem, mas em nenhum deles a Lua aparece como protagonistas, apenas como figurante que auxilia na cena para que ela



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



seja concluída com perfeição.

Nas lendas da cobra Norato e Maria Caninana, do Boto, da Vitória Régia e do Muiraquitã, a Lua surge como facilitadora dos entes lendários em poderem ser transformados de forma sobrenatural dentro de um contexto histórico.

Depois da morte de Maria Caninana, em noites e luar, Norato se transfigurava em um rapaz alto e permanecia entre os seres humanos, mas quando o dia amanhecia ele tinha que voltar para as profundezas do rio. Vale ressaltar que a possibilidade de Norato permanecer humano para sempre dependia ele estivesse na forma de monstro que não fosse noites de luar.

As lendas da cobra Norato, do boto e da pedra Muiraquitã fazem parte de uma teia na qual a Lua possui influencia sobre todas. Norato e o boto necessitavam que seus corpos recebessem o luar amazônico como num passe de mágica para que fossem transformado em humanos, muito semelhante à pedra muiraquitã esculpida com barro mole que precisou que fosse tirada do fundo do rio para ser endurecida ao luar.

Na lenda da Vitória Régia a lua mostrou sua majestade influenciando o fenômeno exógeno e endógeno no sentido de fora pra dentro e de dentro pra fora. O fenômeno duplo aconteceu, Naiá numa noite de luar lançou-se para o fundo do rio e morreu afogada, seu corpo desapareceu, mas a Lua transformou-a uma linda flor.

Assim como as lendas tiveram a participação essencial da Lua em suas transformações, não podemos esquecer que ela também pode influenciar para que a carne do peixe entre em decomposição ao ser atingida por ela.

Essas lendas contadas de geração em geração apresentam a lua como uma manifestação simbólica onde seu poder transcendente e transforma a vida das criaturas míticas e lendárias que vivem na imaginação dos povos tradicionais e porque não dizer que pode transformar a carne dos peixes quando são atingidas pela luminosidade lunar.

Para Eliade (2008) a Lua é a criadora inesgotável de formas de vida, mas também é morte e toda sua manifestação simbólica está ligada por correspondências, analogias e participações, como uma rede cósmica, um imenso tecido na qual tudo se mantém e nada está isolado.

O efeito que a Lua causa na carne dos peixes da Amazônia, não pode ser visto como



uma malhadeira isolada, mas um artefato que possa ligar, unir as malhas para que todos possam conhecer essa realidade.

A magia da Lua é o tema central deste escrito que apesar de não se apresentar como protagonista central das lendas Amazônicas, é uma entidade mágica, que tem poderes de coordenar a vida na Terra. Ela é transgressora por trazer morte, mas também tem o poder de vivificar tanto de forma simbólica como real.

Considerações finais

O luar amazônico desperta nos moradores da comunidade tradicionais um encanto que vai além do real. Acreditam que a lua cheia e sua luminosidade tem poder de influenciar o período do plantio, afugentar os peixes, deteriorar a sua carne, mas não conseguem apresentar elementos que comprovem cientificamente essa teoria empírica.

Vale ressaltar que em meio as lendas e mitos amazônicos, a Lua sempre está segundo plano, mas com uma importância de ser sobrenatural pelo fato de transcender os agentes lendários que precisam dela para sobreviverem, pois sem ela não existiriam.

Essas lendas sobrevivem até hoje no imaginário dos moradores das comunidades tradicionais do Amazonas por acreditarem no sobrenatural e não abandonam facilmente suas crenças tradicionais, mesmo que ela seja explicada cientificamente uma vez que para eles o que vale são suas experiências.

Para as pessoas que moram em comunidades tradicionais distantes da área urbana, seus conhecimentos são oriundos dos saberes primeiros que foram ensinados pelos seus pais, os quais aprenderam com os pais deles. Portanto valorizam seus conhecimentos que foram acumulados durante muito tempo a partir de antecedentes históricos.

Os saberes foram criados no imaginário dos povos primitivos e podem fazer parte da ciência como uma forma de valorizar as práticas antigas daqueles que não conseguem se expressar através da escrita, mas são ricas quando expressam suas manifestações culturais.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



REFERENCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos arquivos da Amazonia*. Rio de Janeiro: Casa8/Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

ELIADE. Mircea. **Tratado da história das religiões**. 3ª ed-São Paulo, Martins Fontes, 2008.

FRAXE, Terizinha de J. P. (Org). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

WAGLEY, Charles (1913) **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**; tradução de Clotilde da Silva Costa.-3.ed.-Belo Horizonte:Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista Famecos. Porto Alegre. Nº 15. Agosto 2001. Quadrimestral.